



XII Congresso SPCE

Ciências da Educação: Espaços de investigação,
reflexão e ação interdisciplinar

Vila Real de 11 de setembro a 13 de setembro de 2014

XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação Congresso SPCE Ciências da Educação: Espaços de investigação, reflexão e ação interdisciplinar Vila Real de 11 de setembro a 13 de setembro de 2014



CAISDAVILLA

Restaurante e Hotel de Vila Real

NOVOBANCO



ORGANIZADORES

INTRODUÇÃO

COMISSÃO ORGANIZADORA

COMISSÃO CIENTÍFICA

COMISSÃO HONRA

ÍNDICE

**ATAS DO XII CONGRESSO DA SPCE.
VILA REAL, UTAD, 2014**

**ESPAÇOS DE INVESTIGAÇÃO,
REFLEXÃO E AÇÃO INTERDISCIPLINAR**

**VILA REAL, UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
(UTAD), 11 A 13 DE SETEMBRO DE 2014**



Organizadores

MARIA JOÃO DE CARVALHO

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

ARMANDO LOUREIRO

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

CARLOS ALBERTO FERREIRA

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

ISBN:

978-989-704-188-4

DESIGN

DE FACTO EDITORES



Comissão Organizadora

MARIA JOÃO DE CARVALHO (COORDENADORA)

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

ALMERINDO JANELA AFONSO

UNIVERSIDADE DO MINHO

AMÉRICO PERES

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

ARMANDO LOUREIRO

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

CARLOS FERREIRA

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

JOAQUIM JACINTO ESCOLA

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

MARIA DA CONCEIÇÃO AZEVEDO

UNIVERSIDADE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

RUI SANTIAGO

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Comissão Científica

ABÍLIO AMIGUINHO – INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
AFRÂNIO MENDES CATANI – UNI. DE S. PAULO
ALBERTO ARAÚJO – UNI. DO MINHO
ALMERINDO JANELA AFONSO – UNI. DO MINHO
AMÉLIA LOPES – UNI. DO PORTO
AMÉRICO PERES – UNI. TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
ANA AMÉLIA CARVALHO – UNI. DE COIMBRA
ANA BENAVENTE – UNI. LUSÓFONA
ANA MARIA BETTENCOURT – EX-PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
ANA MARIA SEIXAS – UNI. DE COIMBRA
ANTÓNIO FRAGOSO – UNI. DO ALGARVE
ANTÓNIO NÓVOA – UNI. DE LISBOA
ANTÓNIO OSÓRIO – UNI. DO MINHO
ANTÓNIO MAGALHÃES – UNI. DO PORTO
ANTÓNIO NETO-MENDES – UNI. DE AVEIRO
ANTÓNIO TEODORO – UNI. LUSÓFONA
BÁRTOLO PAIVA CAMPOS – UNI. DO PORTO
BARTOLOMEU VARELA – UNI. DE CABO VERDE
BEATRIZ PEREIRA – UNI. DO MINHO
CARLINDA LEITE – UNI. DO PORTO
CARLOS FRANCISCO REIS – INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA
CÁRMEN CAVACO – UNI. DE LISBOA
CLARA OLIVEIRA – UNI. DO MINHO
DALILA ANDRADE OLIVEIRA – UNI. FEDERAL DE MINAS GERAIS
DOMINGOS FERNANDES – UNI. DE LISBOA
ERNESTO CANDEIAS MARTINS – INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO
FÁTIMA ANTUNES – UNI. DO MINHO
FERNANDO GUIMARÃES – UNI. DO MINHO
FRANCISCO DE SOUSA – UNI. DOS AÇORES
HELENA ARAÚJO – UNI. DO PORTO
HENRIQUE FERREIRA – INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
ISABEL ALARCÃO – UNI. DE AVEIRO
ISABEL BAPTISTA – UNI. CATÓLICA PORTUGUESA
ISABEL FIALHO – UNI. DE ÉVORA
ISABEL MARTINS – UNI. DE AVEIRO
ISABEL MENEZES – UNI. DO PORTO
JESUS MARIA DE SOUSA – UNI. DA MADEIRA
JOÃO BARROSO – UNI. DE LISBOA
JOÃO FORMOSINHO – UNI. DO MINHO
JOAQUIM AZEVEDO – UNI. CATÓLICA PORTUGUESA

JORGE ADELINO DA COSTA – UNI. DE AVEIRO
JOSÉ ANTÓNIO CARIDE GÓMEZ – UNI. DE SANTIAGO DE COMPOSTELA
JOSÉ AUGUSTO PACHECO – UNI. DO MINHO
JOSÉ BRITES FERREIRA – INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA
JOSÉ CARLOS MORGADO – UNI. DO MINHO
JOSÉ MATIAS ALVES – UNI. CATÓLICA PORTUGUESA
JOSÉ VERDASCA – UNI. DE ÉVORA
LAURINDA LEITE – UNI. DO MINHO
LEONOR SANTOS – UNI. DE LISBOA
LEONOR TORRES – UNI. DO MINHO
LICÍNIO C. LIMA – UNI. DO MINHO
MANUEL ANTÓNIO SILVA – UNI. DO MINHO
MANUEL BARBOSA – UNI. DO MINHO
MANUEL SARMENTO – UNI. DO MINHO
MÁRCIA ÂNGELA AGUIAR – PRESIDENTE DA ANPAE (BRASIL)
MARIA DA CONCEIÇÃO AZEVEDO – UNI. TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
MARIA DO CÉU ROLDÃO – UNI. CATÓLICA PORTUGUESA
MARIA LUÍSA FRAZÃO BRANCO – UNI. DA BEIRA INTERIOR
MARIA JOÃO DE CARVALHO – UNI. DE TRÁS -OS-MONTES E ALTO DOURO
MARIA NEVES GONÇALVES – UNI. LUSÓFONA
MARIA TERESA ESTEBAN – UNI. FEDERAL FLUMINENSE
MARIA TERESA ESTRELA – UNI. DE LISBOA
NILZA COSTA – UNI. DE AVEIRO
PAULO DIAS – UNI. ABERTA
PEDRO SILVA – INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA
ROSANNA BARROS – UNI. DO ALGARVE
RUI SANTIAGO – UNI. DE AVEIRO
SÉRGIO NIZA – MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA
SOFIA MARQUES DA SILVA – UNI. DO PORTO
TÂNIA SUELY BRABBO – UNI. ESTADUAL PAULISTA



Comissão Honra

PRESIDE – REITOR DA UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
ANTÓNIO FONTAINHAS FERNANDES

PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL DA UTAD
JOSÉ ALBINO DA SILVA PENEDA

PRESIDENTE DO CONSELHO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS
ANTÓNIO RENDAS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL
RUI SANTOS

PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
JOSÉ DAVID JUSTINO

PRESIDENTE DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
ABEL BAPTISTA

PRESIDENTE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ALMERINDO JANELA AFONSO



Programa

11 de setembro

12h – Abertura do secretariado (em permanência)
14h30 – 15h – Sessão de Abertura – Aula Magna
15h -16 h – **Conferência de Abertura** – Aula Magna –
Moderador: Américo Peres

António Nóvoa – **Universidade de Lisboa**

16h15 – 17h45 – **Mesa Plenária** – Aula Magna
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS E SINERGIAS EM TEMPOS DE CRISE
Moderador: Almerindo J. Afonso – Universidade do Minho

Ana Paula Hey- Universidade de São Paulo
António Teodoro – Universidade Lusófona
João Arriscado Nunes Universidade de Coimbra
Telmo Caria – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

17h45 – 18h – Coffee break
18h- 19h30 – Comunicações Livres

Nota: Lançamento e apresentação de livros (18h00 – 19h00) – Aula Magna

12 de setembro

9h – 10h30 – Comunicações Livres
10h30 – 10h45 – Coffee break
10h45 – 11h45 – **Conferência Plenária** – Aula Magna –
Moderadora: Sofia Marques da Silva

Licínio Lima – **Universidade do Minho**

12h – 13h – Mesas Redondas

Mesa Redonda I – Auditório de Geociências

IMPACTO DOS ESTUDOS CURRICULARES NA INVESTIGAÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DE UMA AÇÃO INTERDISCIPLINAR

Moderador: José Carlos Morgado – Universidade do Minho

Carlinda Leite – Universidade do Porto
Elizabeth Macedo – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Jesus Maria Sousa – Universidade da Madeira
José Augusto Pacheco – Universidade do Minho

Mesa Redonda II – Aula Magna

ESCOLA PÚBLICA, LIDERANÇAS E PROFISSÃO DOCENTE

Moderador: Manuel António Silva – Universidade do Minho

Américo Peres – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

António Neto – Mendes – Universidade de Aveiro
Carlos Pires – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa
Leonor Torres – Universidade do Minho

13h – 14h30 – Pausa para Almoço
14h30 – 16h – Comunicações Livres
16h – 17h – **Conferência Plenária** – Aula Magna –
Moderador: Joaquim Escola

José António Caride - **Universidade de Santiago de Compostela**

17h15 – 19h – Assembleia Geral da SPCE e Aprovação do Instrumento de Regulação Ético – Deontológica – Aula Magna
20h – 23h – Jantar do Congresso; local: Restaurante Panorâmico da UTAD

Notas:

- Estão abertas as urnas para a eleição dos Corpos Sociais da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
- Reunião da secção de Educação Comparada (14h00 – 15h30) – Auditório da Biblioteca Central – B1.05
- Lançamento e apresentação de livros (14h30 – 15h30) – Aula Magna

13 de setembro

9h – 10h30 – Comunicações Livres
10h45 – 11h45 – Mesas Redondas

Mesa Redonda III – Aula Magna

POLÍTICAS ATUAIS DO ENSINO SUPERIOR

Moderador: Carlos Ferreira Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Afrânio M. Catani – Universidade de São Paulo
Ana Maria Seixas – Universidade de Coimbra
Bartolomeu Varela – Universidade de Cabo Verde
Rui Santiago – Universidade de Aveiro

Mesa Redonda IV – Auditório de Geociências

EDUCAÇÃO DE ADULTOS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Moderador: Armando Loureiro – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

António Fragoso – Universidade do Algarve
Cármem Cavaco – Universidade de Lisboa
José Augusto Palhares – Universidade do Minho
Márcio Azevedo – Instituto Federal do rio Grande do Norte

12h – 13h – **Conferência de Encerramento** – Aula Magna – Moderadora: Maria João de Carvalho

José Pacheco Pereira - ISCTE – **Instituto Universitário de Lisboa**

13h – 13h15 – Sessão de Encerramento – Aula Magna
13h15 – 15h – Pausa para Almoço
15h00 – Visita Social e Cultural

ÍNDICE

1

Administração Educacional, Gestão e Lideranças

A procura de explicações no secundário pelos
estudantes da Universidade da Madeira

António Bento, Maria Ribeiro

Possibilidades e limites da autonomia das
escolas. Estudo de caso: o território educativo
de Gondomar

Filomena Correia

Escola, género e gestão escolar em Portugal e
no Brasil- apresentação e justificação de um
projeto de investigação

Maria Custódia Rocha, Tânia Suely Antonelli
M. Brabo

A autonomia das escolas a partir das políticas
de reforma da administração pública.

Contributos para o estudo do PRACE face à
administração do sistema educativa

José Hipólito

Avaliações externas de aprendizagem no Rio
de Janeiro: reflexos no quotidiano escolar

Rodrigo Rosistolato, Ana Pires do Prado

Tempo de Ensino, Tempo de Empenhamento e
Resultados Académicos

Susana Cunha Cerqueira

A atividade inspetiva: controlo ou
acompanhamento?

Luciana Joana, Maria João de Carvalho

Equipas educativas: autonomia da escola e
colaboração docente

Zita Esteves, João Formosinho, Joaquim Machado

As bibliotecas escolares no contexto da
avaliação das escolas

Helena Aleluia, Glória Bastos

Administração educacional inclusiva: uma
questão de liderança nas escolas públicas
Brasil-Portugal

Elias Rocha Gonçalves

Liderar com a alma: histórias soltas num
percurso de vida

Ana Isabel Gouveia

Formação para participação no grêmio
estudantil e contradições no campo da
educação escolar: revelações de um percurso

Cileda Perrella, Marcelo Pereira

Avaliação e Accountability: a avaliação de
professores como estratégia de controlo de
um profissionalismo recentralizado

Henrique Ramalho

Avaliação e liderança escolar: a emergência
de «novas» lideranças intermédias e o seu
impacto na administração e gestão da escola 172
Henrique Ramalho

Liderança, competência nuclear na educação?
(Leadership: a core skill in education?) 182
Artur Gonçalves, Ana Silva

26 Articulação vertical entre ciclos: uma
oportunidade de aprendizagem 194
Antónia Maria Louro Carreira, Isolina Oliveira

40 A emergência de modelos relacionais 204
Antónia Maria Louro Carreira

55 Impacto e efeitos da avaliação externa
das escolas nas práticas curriculares das
lideranças intermédias 217
Graça Machado, Filipa Seabra, José Augusto Pacheco

66 Competências curriculares transversais
e competências de liderança no Ensino
Secundário: As vozes dos alunos 229
António Bento, Sandra Reynolds

80 Estilos e perfis de líderes intermédios
na escola com funções de avaliação do
desempenho docente. 244
Luís Ricardo, Susana Henriques

94 O conflito em contexto escolar: transformar
barreiras em oportunidades 253
Fernando Silva e Paula Flores

107 A ação do visconde de Vila Maior como reitor
da Universidade de Coimbra 269
Aires Diniz

117 O envolvimento dos encarregados de
educação no processo de autoavaliação de
escola 279
Teresa Jesus Santos

126 A gestão democrática da educação brasileira:
descompassos entre a teoria e prática na
administração escolar 296
Marta Croce

127 A avaliação externa condiciona a prática
pedagógica dos professores? 298
Janete Ribeiro Nhoque, Lillian Rose da S. C.
Freire, Valéria Aparecida de Souza

137 Da excelência escolar à excelência no
trabalho: os paradoxos da cultura meritocrática 310
Leonor Torres

149 O projeto de in(ter)venção do diretor: um
documento esquecido na gestão estratégica
da escola? 311
Jorge Costa, Patrícia Castanheira

161 A liderança das escolas: avaliação externa e
percepções dos professores 318
José Lourenço, Beatriz Bettencourt

Reflexões sobre a responsabilidade social no
ensino superior brasileiro 319
Rosa Conceição, Celina Oliveira



XII CONGRESSO SPCE

Ciências da Educação: Espaços de Investigação, reflexão e ação Interdisciplinar



1

Administração Educacional, Gestão e Lideranças

A PROCURA DE EXPLICAÇÕES NO SECUNDÁRIO PELOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DA MADEIRA

António V. Bento [1] & Maria Isabel Barreiro Ribeiro [2]

[1] Centro de Investigação de Educação da Universidade de Madeira, Funchal
Bento@uma.pt

[2] Instituto Politécnico de Bragança. Investigadora do CETRAD. Colaboradora da UDI;
xilote@ipb.pt

NOTA INTRODUTÓRIA

Este estudo quantifica a procura de explicações, no secundário, pelos alunos que frequentam, atualmente, o ensino superior na RAM. Na recolha de dados que decorreu de outubro a dezembro do ano de 2013, foi utilizado como instrumento um questionário colocado *online* para todos os estudantes, do 1º ciclo, da Universidade da Madeira.

Este estudo é do tipo *cross-section* e teve como objetivos analisar a natureza, extensão e evolução da procura das explicações nos últimos 3 anos, pelos estudantes da Universidade da Madeira, durante o ensino secundário. Foram inquiridos 213 estudantes com uma média de idades de 22,2 (DP±6,1). Do total de respondentes, 67,5% eram do género feminino e 32,5% eram do género masculino. Ao longo de todo o percurso escolar, a maioria nunca reprovou (56,1%) e 43,9% reprovaram pelo menos uma vez. Do total de estudantes, 45,6% estão atualmente no 1º ano, 23,7% no 2º ano e 30,7% no 3º ano.

Durante o ensino secundário um número significativo de estudantes frequentou explicações (44,7%). A procura de explicações por estes alunos foi de 43,1%, 70,6% e 82,4%, no 10º, 11º e 12º ano, respetivamente. No presente trabalho, as disciplinas mais procuradas foram a Matemática (78,4%), Físico-química (19,6%) e Português (9,8%). A maioria dos estudantes optou por frequentar explicações num Centro (51%) funcionando em pequenos grupos de dois a seis estudantes (64,7%). Os gastos mensais pelo uso deste tipo de serviços foram inferiores a 70 euros (80,4%). Dos estudantes que frequentaram explicações no secundário, 29,4% pondera a hipótese de frequentar explicações, também, durante o ensino superior, principalmente, os alunos que frequentam atualmente o 1º ano (34,6%). Por outro lado, 11,8% dos estudantes não conseguem sequer imaginar o seu percurso universitário sem recorrer a este tipo de serviços. Comparativamente ao ano de 2010 registou-se um crescimento da procura de

explicações de 18,4%, 43,5% e 66,1% no 10º, 11º e 12º ano, respetivamente. Apesar do agravamento da situação económica e financeira de muitas famílias portuguesas a evolução positiva da procura de explicações foi muito expressiva, sobretudo, no último ano do secundário, facto que, talvez se deva às implicações do fenómeno quer para a aprendizagem quer para a vida futura de quem as frequenta.

REVISÃO DA LITERATURA

Apesar da crise que se fez sentir nos últimos anos, as explicações como um fenómeno educacional extra-escolar não decresceu. Antes pelo contrário, cresceu significativamente. Isto significa que os alunos do secundário continuam a procurar fora dos muros escolares, oportunidades para elevarem as suas notas nos exames nacionais e entrarem nos cursos das suas preferências.

Bray (1999) convencionou chamar a este fenómeno “*shadow education*” a que corresponde a um conjunto alargado de atividades estruturadas, desenvolvidas fora da instituição escolar, com o fim de melhorar o desempenho académico dos alunos e desta assim potenciar as suas oportunidades educacionais. Bray (2006) investigou esta temática a nível internacional e classifica este fenómeno por atividade na “sombra”. As razões são várias: a) existe porque o sistema normal existe; b) imita o sistema regular e acompanha-o nas mudanças; c) a atenção pública, em quase todas as sociedades, foca-se no sistema regular e não no sistema “na sombra”; d) as características do fenómeno na sombra são menos distintas que as do sistema regular.

Em 2011, num relatório “*The Challenge of Shadow Education*” para a Comissão Europeia, Bray (2011) recomenda que os investigadores sociais prestem mais atenção a este fenómeno das explicações e o abordem em diversas perspetivas e adquiram novos dados para uma melhor compreensão.

Tendo em conta a área científica que os estudantes frequentam no secundário, vários investigadores garantem ser a área das Ciências e Tecnologias aquela que mais origina e fomenta a procura de explicações (Neto, 2006; Ribeiro & Bento, 2010; 2011). Segundo Ventura, Costa, Neto-Mendes e Azevedo, (2008), Bento (2009), Ribeiro & Bento (2010; 2011) a Matemática, disciplina obrigatória nesta área científica, é determinante para o desenvolvimento do fenómeno das explicações e é claramente a disciplina que continua a proporcionar uma maior procura de explicações fora da escola registando-se

uma diferença significativa em relação às restantes disciplinas. Neto (2006) concluiu que de todos os graus de ensino é o secundário que mais contém alunos em explicações sendo o agrupamento Científico-Natural/Ciências Tecnologias que mais procura explicações. No que respeita aos pais dos alunos que procuram explicações são os de maior poder económico e com mais habilitações académicas que mais as procuram para os seus filhos. A principal razão, apontada pelos progenitores, que justifica a procura deste tipo de serviços é a obtenção de classificações que garantam o acesso ao Ensino Superior dos seus descendentes.

Com a expansão alargada deste mercado das explicações, a tradicional explicação particular, de carácter informal, "...deu lugar a negócios de maior dimensão, onde se incluem pequenas redes de centros de explicações com diferentes localizações e *franchising* dominados por grandes grupos económicos que, para além das explicações podem gerir outros serviços educativos como, por exemplo, escolas privadas" (Rodrigues, 2012, p. 21).

Há uma diversidade enorme de oferta de explicações. Os alunos podem frequentar explicações a nível individual em casa do explicador, em sua casa, ou em salas de explicações e podem também receber explicações em pequenos ou grandes grupos. Ainda, os alunos podem receber explicações em regime não presencial, à distância, com recurso às novas tecnologias (*Internet*, telefone, etc.) podendo os explicadores e os explicandos estar em locais distantes e até em continentes diferentes.

Comparativamente ao ano de 2010 registou-se um crescimento da procura de explicações de 18,4%, 43,5% e 66,1% no 10º, 11º e 12º ano, respetivamente (ver Bento & Ribeiro, 2010). Apesar do agravamento da situação económica e financeira de muitas famílias portuguesas a evolução positiva da procura de explicações foi muito expressiva, sobretudo, no último ano do secundário, facto que, se fica a dever às implicações do fenómeno das explicações quer para a aquisição de aprendizagens quer para a vida académica e profissional futura de quem as frequenta.

Foi encontrada, em vários estudos uma correlação positiva entre a frequência das explicações e o sucesso académico. Por exemplo, na Alemanha, Haag (2001) citado por Bray (2006) comparou o sucesso académico de um grupo de estudantes do ensino secundário que tinha recebido explicações com um outro grupo de controlo. Os resultados indicaram que os alunos que tinham recebido explicações melhoraram no nível académico e na motivação. De igual modo, no Quénia, Buchmann (2002),

concluiu que as explicações estavam relacionadas com menos retenção académica e maior progresso académico. Por outro lado, tem sido demonstrado que as explicações mantêm a estratificação social. As famílias mais prósperas podem investir em melhores e mais serviços de explicações do que as famílias com menos possibilidades económico-financeiras.

METODOLOGIA

Este estudo é do tipo *cross-section* e teve como objetivos analisar a natureza, extensão e evolução da procura das explicações nos últimos 3 anos, pelos estudantes da Universidade da Madeira, durante o ensino secundário. Trata-se de um estudo transversal e quantitativo.

Participantes

Foram inquiridos 213 estudantes com idades compreendidas entre os 17 e os 47 anos, registando em média 22,2 (DP±6,1) anos de idade. Do total de respondentes, 67,5% eram do género feminino e 32,5% eram do género masculino (ver figura 1).

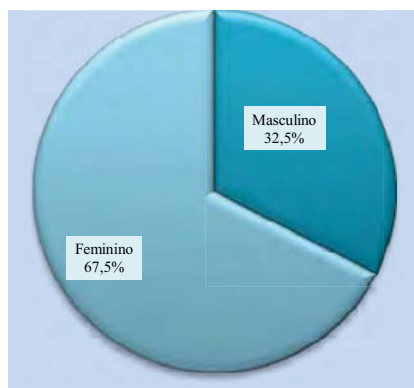


Figura 1 – Género dos inquiridos

Os jovens estudantes estavam distribuídos por seis áreas de conhecimento, do 1º ciclo, nomeadamente, Ciências e Tecnologias (38,8%), Línguas e Humanidades (22%), Visuais e Multimédia (6%), Ciências Socioeconómicas (8,8%), Desporto (1,8%) e Informática (6,6%) (figura 2). Do total de estudantes do 1º ciclo, 45,6% frequentavam o 1º ano, 23,7% frequentavam o 2º ano e 30,7% frequentavam o 3º ano (figura 3).

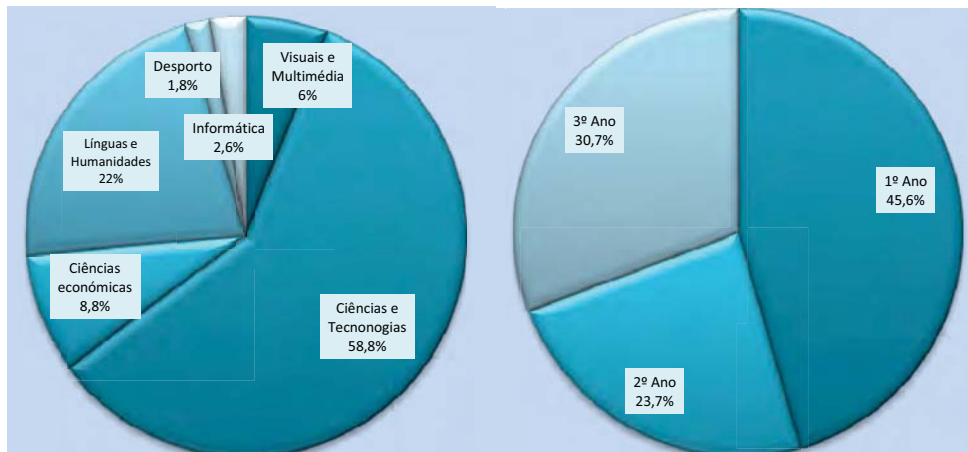


Figura 2 – Área científica do curso que frequenta

Figura 3 – Ano académico que frequenta

Verifica-se que a amostra é constituída na sua maioria por elementos que residem na Região Autónoma da Madeira, particularmente, no Concelho do Funchal (39,5%). Apenas 1,8% dos inquiridos são provenientes do Continente (figura 4).



Figura 4 – Local de residência do inquirido

Tendo em conta a escolaridade dos progenitores, verifica-se que a maioria dos progenitores possuía como escolaridade o 9º ano ou equivalente. De registar uma percentagem significativa dos progenitores, sobretudo o pai, com apenas a 4ª classe (46,5%) (figura 5).

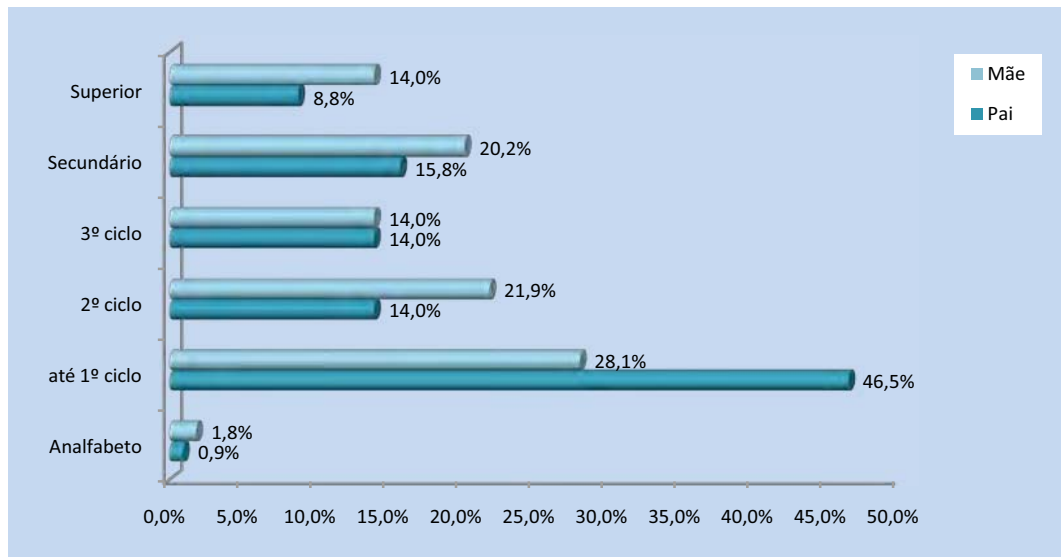


Figura 5 – Nível de escolaridade dos progenitores do inquirido

Quanto ao desempenho do inquirido durante o percurso escolar antes da sua entrada no ensino superior, os resultados mostram que 43,9% reprovou pelo menos uma vez (figura 6). Destes, 16% reprovaram duas vezes (figura 7).

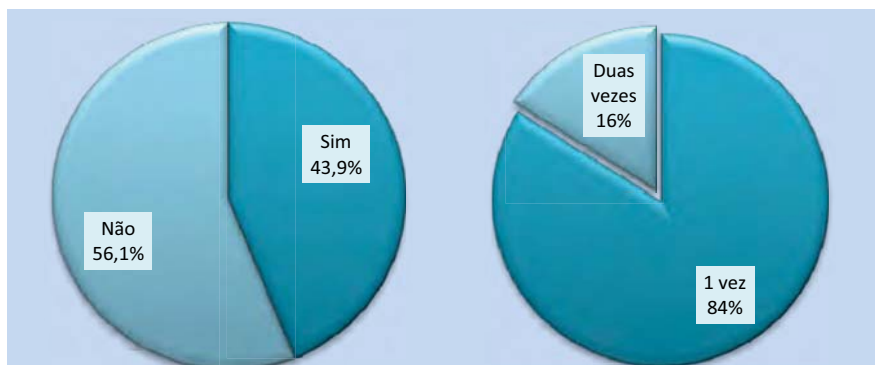


Figura 6 – Desempenho do inquirido ao longo do seu percurso escolar

Figura 7 – Número de reprovações ao longo do seu percurso escolar (n=78)

Instrumento

Para a recolha de dados foi utilizado um questionário adaptado de Costa, Ventura e Mendes-Neto (2003). O questionário é constituído por perguntas, essencialmente, de resposta fechada ou de escolha múltipla e pode dividir-se em três secções. A primeira inclui questões com as quais se pretende recolher dados de natureza escolar, pessoal, familiar e geográfica do inquirido, designadamente, a área do curso, a idade, o sexo, a freguesia, o concelho de residência, a escolaridade e ocupação dos progenitores. A segunda parte compreende questões sobre o desempenho escolar do inquirido durante o

seu percurso escolar e a frequência de explicações durante o secundário, o local, as horas semanais, os custos mensais suportados e, por fim, a última parte contemplava questões sobre a frequência de explicações no ensino superior.

Procedimentos

A recolha de dados realizou-se de outubro a dezembro do ano de 2013, foi utilizado como instrumento um questionário colocado *online* para todos os estudantes da Universidade da Madeira. O programa informático utilizado para editar e tratar os dados foi o *SPSS 20.0 (Statistical Package for Social Sciences)*. O tempo total de preenchimento do questionário foi de cerca de 15 minutos.

Os dados recolhidos foram, posteriormente, tratados recorrendo à estatística descritiva para o cálculo de frequências absolutas e relativas sempre que as variáveis eram nominais; e, para o cálculo de medidas de tendência central (média e mediana) e medidas de dispersão (desvio-padrão, máximo e mínimo) sempre que as variáveis eram de natureza quantitativa.

REULTADOS

Tal como mostra a figura 8 a percentagem de estudantes que frequentaram explicações no ensino secundário foi de 44,7%. A disciplina que mais suscitou a procura deste tipo de serviços foi a Matemática (78,4%) (figura 9).

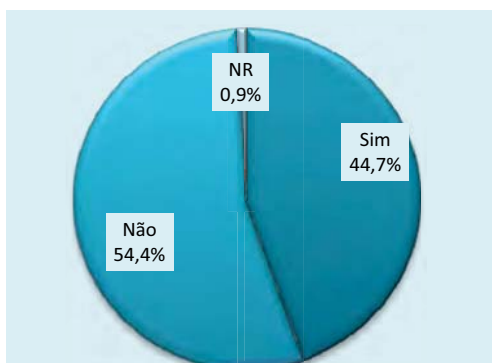


Figura 8 – Frequência explicações no secundário (n=213)

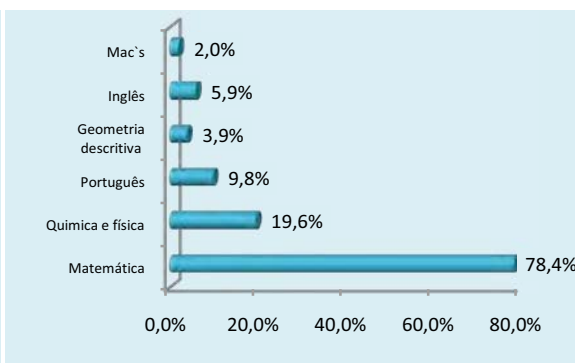


Figura 9 – Disciplinas frequentadas nas explicações (n=95)

Os locais mais comuns onde se realizavam as explicações eram o centro de explicações (51%) e a casa de um explicador particular (47%) (figura 10). Normalmente, as explicações funcionavam em pequenos grupos com menos de 6 elementos (figura 11).

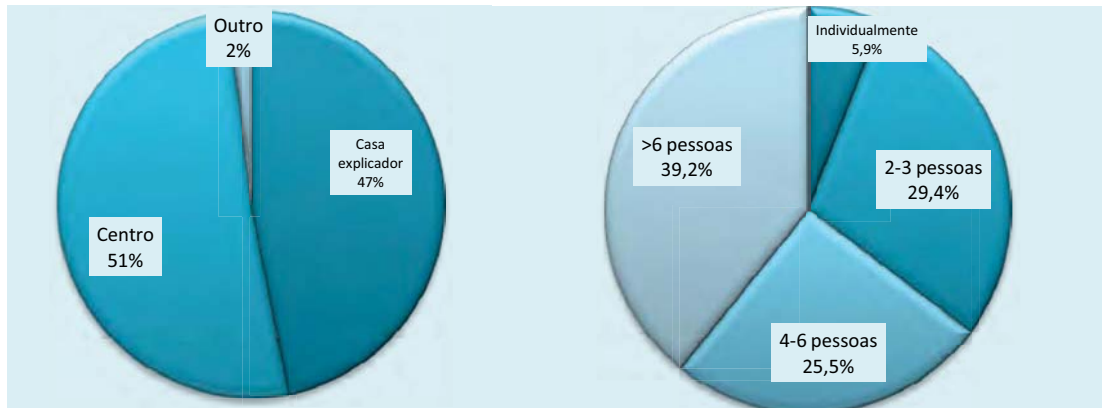


Figura 10 – Local onde se realizavam as explicações (n=95)

Figura 11 – Modo de funcionamento das explicações (n=95)

Relativamente às horas semanais e gastos mensais em explicações a maioria dos estudantes teve entre 4 a 6 horas semanais (58,8%) (figura 12) representando uma despesa mensal de aproximadamente 70 euros (80,4%) (figura 13).

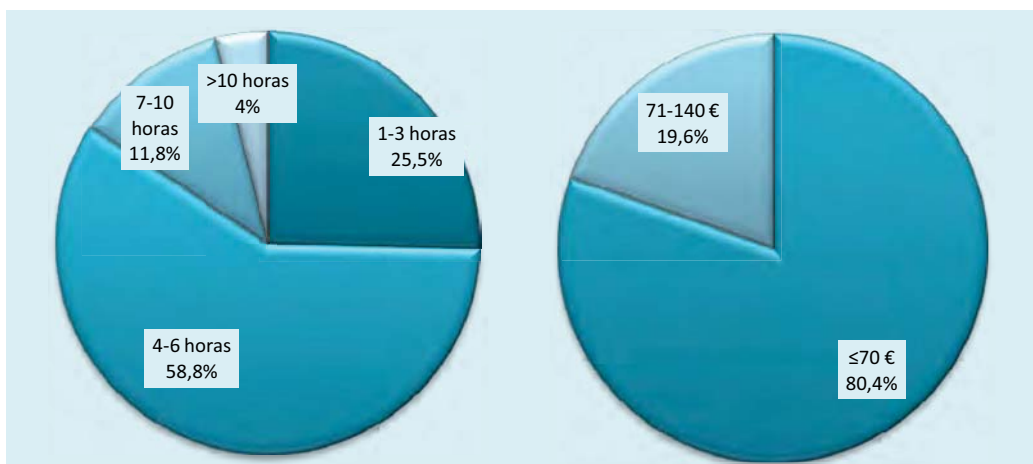


Figura 12 – Horas semanais em explicações (n=95)

Figura 13 – Gastos mensais com a frequência de explicações (n=95)

Quando questionados sobre a possibilidade de virem a frequentar explicações durante o Ensino Superior, apenas 27,5% considera essa hipótese se tal for necessário (figura 14). Entre os inquiridos que frequentaram explicações no Ensino Secundário, 29,4% pondera a hipótese de frequentar explicações, também, durante o Ensino Superior (figura 16).

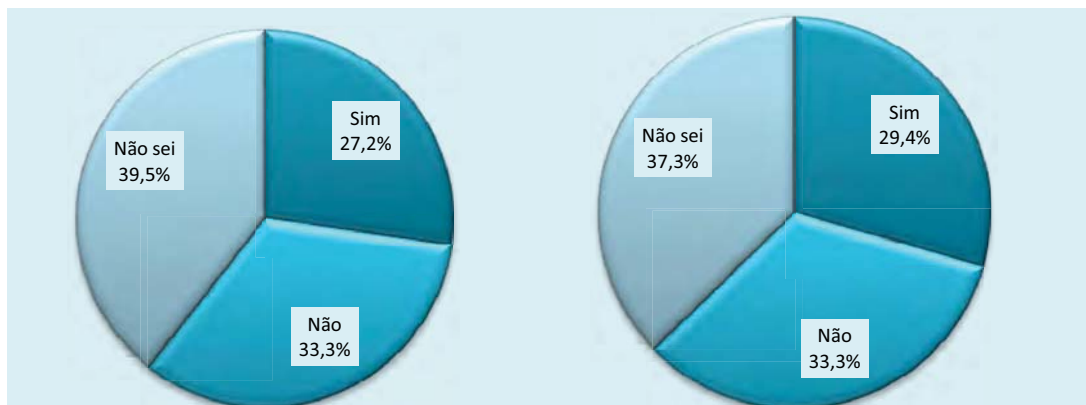


Figura 15 – Possibilidade de frequentar explicações no Ensino Superior (n=213)

Figura 16 – Possibilidade de frequentar explicações no ensino Superior por parte dos que frequentaram explicações no Ensino Secundário (n=95)

Neste contexto, são os estudantes que frequentam o 1º ano que em maior número consideraram a possibilidade de recorrer a apoio extracurricular (figura 17).

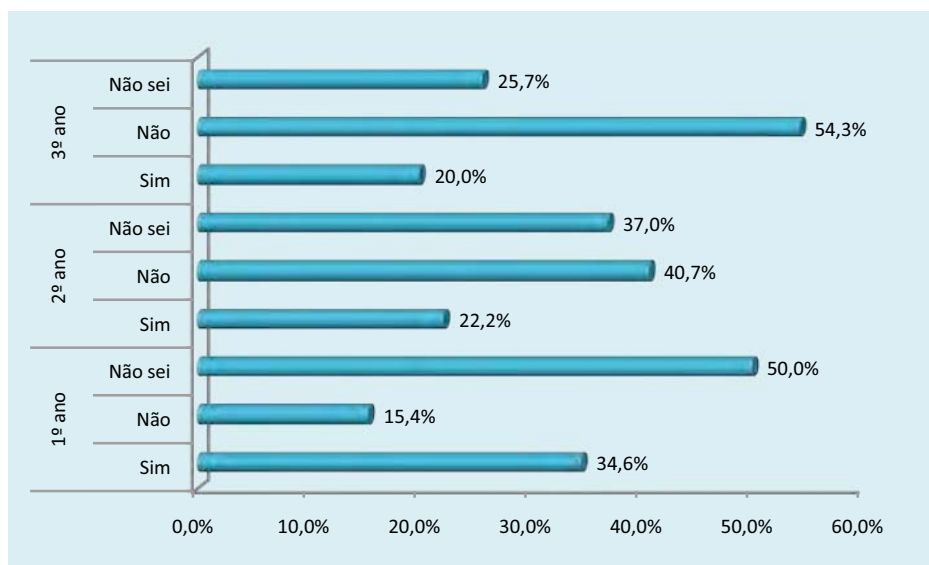


Figura 17 – Possibilidade de frequentar explicações tendo em conta o ano frequentado (n=95)

Por fim, e tal como pode visualizar-se na figura 18, comparativamente aos resultados obtidos num estudo desenvolvido na mesma região por Ribeiro e Bento (2010) registou-se um crescimento da procura de explicações de 18,4%, 43,5% e 66,1% no 10º, 11º e 12º ano, respetivamente.

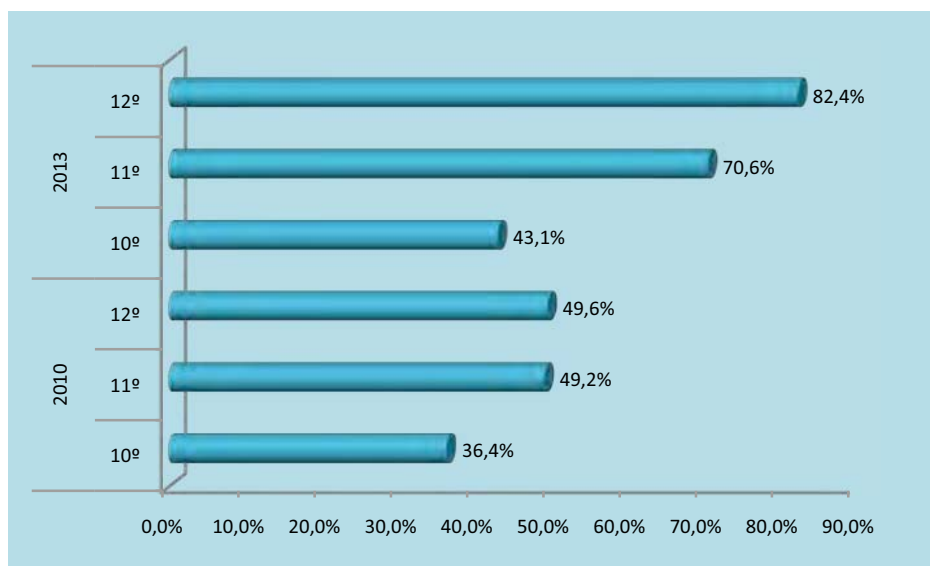


Figura 18 – Evolução da frequência de explicações entre 2010 e 2013

Face a estes resultados pode afirmar-se que as explicações parecem estar a desempenhar um papel fundamental na escolarização, constituindo esta prática, nos dias atuais e para muitas famílias, uma rotina diária.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta investigação teve como objetivos descrever a natureza e extensão da frequência das explicações no ensino secundário, na Região Autónoma da Madeira, bem como analisar a sua evolução de 2010 a 2013. Verificou-se pelos resultados apurados que 45,6% dos estudantes que em 2013 frequentavam a Universidade da Madeira recorreram a apoio extracurricular durante o secundário, especialmente no último ano (80,4%). Os mesmos resultados foram obtidos por Azevedo e Neto-Mendes (2009), Bento (2009) e Ribeiro e Bento (2010; 2011). Tal como Costa, Neto-Mendes e Ventura (2009) afirmam as explicações não constituem um fenómeno pontual e de dimensão reduzida, mas assumem um pendor bem significativo, designadamente no 12º ano. Segundo Ribeiro e Bento (2010; 2011) a obtenção de classificações mais elevadas que lhes permitam beneficiar dos lugares mais ambicionados da oferta educativa de nível superior que envolve, quer as instituições, quer os cursos no seio destas, é o principal motivo que justifica a procura deste tipo de serviços. Azevedo (2011) argumenta que o recurso a esta actividade no Ensino Secundário prende-se com os exames de acesso à Universidade. Em Portugal, as explicações atingem o ponto alto, em termos de procura,

no 12º ano, um momento marcante no sistema educativo português por ser, o ano de conclusão e de certificação do Ensino Secundário, e também por ser o ano decisivo para o acesso ao Ensino Superior. A existência de exames nacionais, usados, em primeira instância, para a conclusão e certificação do Ensino Secundário, e em segunda instância, pelas universidades para seleção dos seus alunos, transforma os alunos finalistas do Ensino Secundário em potenciais clientes dos explicadores (Gouveia, 2012).

A Matemática continua a ser a principal impulsionadora do fenómeno das explicações e é claramente a disciplina a que o maior número de alunos tem explicações (78,4%). Segundo Costa, Neto-Mendes e Ventura (2009), a Matemática é a disciplina mais procurada pelos alunos a que se seguem a Física, a Química e a Geometria Descritiva.

Os locais mais procurados para o funcionamento das explicações é o centro de explicações (51,2%), seguido do explicador particular (34,9%), contrariamente aos resultados encontrados por Putkiewicz (2007) na Polónia, onde mais de 60% dos inquiridos tinham explicações individualmente. Contudo, de acordo com Costa, Neto-Mendes e Ventura, A. (2008) a utilização dos centros de explicações está a tornar-se bastante difundida, a nível mundial e, pode estar mesmo a tornar-se a forma preferida de acesso a explicações.

Relativamente às horas e gastos mensais em explicações verifica-se que a maioria dos estudantes tem até 6 horas semanais (84,3%) de explicações e gasta até 70 euros/mês (80,4%). No estudo desenvolvido por Costa, Neto-Mendes e Ventura (2009) a percentagem de alunos que frequentava entre quatro e dez horas de explicações por semana registou valores sempre acima dos 30%, embora a maioria optasse por frequentar até 3 horas semanais.

Questionados sobre a possibilidade de recorrerem a este tipo de atividade durante a frequência do ensino superior, apenas 29,4% considera essa hipótese. São, sobretudo os estudantes que frequentam o 1º ano que em maior número consideraram a possibilidade de recorrer a apoio extracurricular durante o seu percurso académico.

Por fim, comparando os resultados obtidos neste estudo com os obtidos no estudo desenvolvido por Ribeiro e Bento (2010), sobre a procura de explicações, no Ensino Secundário regista-se um crescimento significativo do fenómeno na Região Autónoma da Madeira, no Ensino Superior, especialmente, no 12º ano de escolaridade (taxa de crescimento de 66,1%). Pode então concluir-se que, apesar do agravamento da situação

económica e financeira de muitas famílias portuguesas a evolução positiva da procura de explicações foi muito expressiva, sobretudo, no último ano do secundário, facto que, talvez se deva às implicações do fenómeno quer para a aprendizagem quer para a vida futura de quem as frequenta.

CONCLUSÕES

Os objetivos fundamentais deste estudo de investigação do tipo *cross-section* consistiram em analisar a natureza, extensão e evolução da procura das explicações nos últimos 3 anos, pelos estudantes da Universidade da Madeira, durante a frequência dos seus estudos secundários.

Concluiu-se que quase metade (45,6%) dos estudantes que em 2013 frequentavam a Universidade da Madeira recorreu ao apoio extracurricular das explicações durante o seu percurso escolar secundário, especialmente no último ano (80,4%), resultados consistentes com valores obtidos em estudos anteriores (e.g. Ribeiro & Bento, 2010; 2011)

A Matemática continua a ser a principal disciplina impulsionadora do fenómeno das explicações e é claramente a disciplina na qual o maior número de alunos beneficia deste tipo de serviço pedagógico (78,4%). Os locais mais procurados para o funcionamento das explicações é o centro de explicações (51,2%), seguido do explicador particular (34,9%).

Em relação às horas e custos mensais em explicações verificou-se que a maioria dos estudantes tem até 6 horas semanais (84,3%) de explicações e gasta até 70 euros por mês (80,4%).

Cerca de um terço dos estudantes (29,4%), admitiram a possibilidade de recorrerem a este tipo de atividade durante a frequência do ensino superior, sendo, sobretudo, os estudantes que frequentam o 1º ano que, em maior número, consideraram a possibilidade de recorrer a apoio extracurricular durante o seu percurso académico universitário.

Quando comparamos os resultados deste estudo com os resultados obtidos no nosso estudo realizado há 4 anos (Ribeiro & Bento, 2010), verificamos que se registou um

crescimento da procura de explicações de 18,4%, 43,5% e 66,1% no 10º, 11º e 12º ano, respetivamente.

Apesar do agravamento da situação económica e financeira de muitas famílias portuguesas neste período de crise económica nacional a evolução positiva da procura de explicações foi muito expressiva, sobretudo, no último ano do ensino secundário, facto que, talvez se fique a dever às implicações positivas que este fenómeno tem nas aprendizagens obtidas e na vida futura (académica e profissional) de quem frequenta este tipo de serviço pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, S. (2011). A actividade das explicações: um estudo no ensino secundário e superior. Tese de doutoramento em Ciências da Educação. Departamento de Educação. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Bento, A. (2009). *O fenómeno das explicações: políticas educativas, sucesso escolar e seus determinantes – um estudo exploratório na Região Autónoma da Madeira*. In L. Rodrigues & J. Brazão (Org.). *Políticas Educativas: Discursos e práticas* (pp.311-324). Grafimadeira: Funchal
- Bray, M. (1999). The Shadow Education System: Private Tutoring and its Implications or Planners. *Fundamentals of Educational Planning* No. 61. Paris: UNESCO International Institute for Educational Planning.
- Bray, M. (2006). Private supplementary tutoring: comparative perspectives on patterns and implications. *Compare*, 36 (4): 515-530.
- Bray, M. (2011). *The Challenge of Shadow Education: Private supplementary tutoring and its implications for policy makers in the European Union*. Brussels: European Commission.
- Buchman, C. (2002). *Getting ahead in Kenya: social capital, shadow education, and achievement*. In B. Fuller & E. Hannum (Eds). *Schooling and social capital in diverse cultures* (pp. 133-159). JAI Press: Amsterdam.
- Costa, J., Ventura, A., & Neto-Mendes, A. (2003). As explicações no 12º ano: contributos para o conhecimento de uma actividade na sombra. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, nº2, Ano II, 55-68.

- Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A. (2008). *Razões para a frequência de explicações na perspectiva dos alunos: os “novos herdeiros” e o reinvestimento do capital cultural*. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A., (2008). Xplika: investigação sobre o mercado das explicações. Aveiro: Universidade de Aveiro. Comissão Editorial.
- Costa, J., Neto-Mendes, A. e Ventura, A. (2009). As explicações em estudo de caso: alguns dados da cidade de Aquarela. *Rev. Lusófona de Educação*, (13): 81-88. ISSN 1645-7250.
- Gouveia, A. (2012). *Investimentos privados em educação: o caso dos cursinhos comerciais*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Departamento de Educação. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Neto, M. (2006). *A procura de explicações: as razões dos pais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal.
- Putkiewicz, E. (2007). Private Tutoring in Poland. *31st Conference -ALEE Proceedings*, pp. 185-197. ISBN: 978-961-6637-6-0.
- Ribeiro, M. & Bento, A. (2010). O director de escola, a política organizacional escolar, a mercantilização da educação e as explicações: um estudo de caso na Madeira. *Atas do VI Simpósio sobre Organização Escolar*, Universidade de Aveiro, pp.105-124. ISBN: 978-989-97392-2-2.
- Ribeiro, M. & Bento, A. (2011). Determinantes da procura de explicações no secundário: o caso da Região Autónoma da Madeira. *Livro de Atas do XI Congresso SPCE*, Guarda, pp.45-48. ISBN: 978-972-8681-35-7.
- Rodrigues, C. (2012). *Mercado das explicações: A emergência de um terceiro setor educativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro: Aveiro.
- Ventura, A., Costa, J., Neto-Mendes, A., & Azevedo, S. (2008). *Dimensão e características da frequência de explicações no 12º ano: do local ao nacional*. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A., (2008). Xplika: investigação sobre o mercado das explicações. Aveiro: Universidade de Aveiro. Comissão Editorial.